

A população brasileira: diversidade nacional e regional e a formação da diversidade brasileira

A *diversidade sociocultural* que existe em nosso país está também relacionada com a reflexão sobre a questão da raça, das etnias e do preconceito, bem como com a migração e do estrangeiro. É importante o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a diversidade sociocultural brasileira e, com base nesse olhar, urge refletir sobre a própria realidade. Pode-se abordar o tema da diversidade sociocultural sob os mais diferentes pontos de vista: histórico, geográfico, socioeconômico, entre outros. Aqui, porém, enfocaremos a diversidade sob a perspectiva sociológica, estabelecendo, sempre que possível, um diálogo com outras disciplinas. Para tanto, a proposta de iniciar com uma reflexão sobre a diversidade brasileira para depois refletir sobre as tensões na formação dessa diversidade faz-se necessária.

Compreendemos que a questão da diversidade não poderá ser esgotada aqui. Ela é o eixo transversal que corta a discussão sobre cultura, sobre o mercado de trabalho ou sobre a questão da violência. No que tange à formação de nossa diversidade sociocultural, abordaremos a migração, refletindo sobre os motivos que levam os indivíduos a deixar o seu lugar de nascimento. É importante que tomemos consciência de que a construção da diversidade não se dá de forma tranquila e que disputas por poder estão, muitas vezes, camufladas por trás de certas atitudes.

Para abordarmos a questão da diversidade sociocultural brasileira, trazemos pesquisas estatísticas com dados socioeconômicos, apresentando números das diversas regiões do país, de modo a possibilitar uma comparação com os dados relativos ao Brasil.

### **A população brasileira: diversidade nacional e regional**

A diversidade é construída, muitas vezes, com base na desigualdade de condições de vida. A questão da diversidade nacional e regional pode ser pensada tanto no âmbito cultural como por meio do estudo de fatores socioeconômicos que condicionam o maior ou menor acesso a: educação, rendimentos, saneamento e energia elétrica. O tema da diversidade é muito amplo e pode ser abordado sob os mais diferentes pontos de vista.

### **Diversidade social Brasileira**

Ter maior consciência da diversidade social brasileira é imprescindível para conhecer nosso país. Observe como é grande a diversidade social no Brasil, não apenas entre as regiões, como em um mesmo município. Discutiremos, portanto a diversidade social no país com base nos dados das tabelas apresentadas a seguir referentes às condições de vida da população brasileira. Para tanto, utilizaremos os seguintes indicadores:

- Rendimento – Famílias por classes de rendimento médio mensal familiar *per capita* (%).
- Educação – Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade por sexo (%).
- Saneamento e luz elétrica – Domicílios por condição de saneamento e luz elétrica (%).

Veja na tabela, o rendimento por família, a seguir:

1. Rendimento – Famílias por classes de rendimento médio familiar *per capita* (%)

Famílias residentes em domicílios particulares, por Grandes Regiões, segundo as classes de rendimento médio mensal familiar <i>per capita</i> (%) – 2011 <sup>1</sup>								
Brasil e Grandes Regiões	Até 1/4 de SM <sup>2</sup>	Mais de 1/4 a 1/2 SM	Mais de 1/2 a 1 SM	Mais de 1 a 2 SM	Mais de 2 a 3 SM	Mais de 3 a 5 SM	Mais de 5 SM	Sem rendimento
Brasil	6,7	14,1	27	25,8	8,6	5,7	4,9	2,2
Norte	12,1	21	28,7	18,7	5,3	3,7	2,7	3,3
Nordeste	15,4	22,7	29,9	16	4	2,5	2,3	2,9
Sudeste	2,5	10	25,3	30	10,6	6,9	6,2	1,9
Sul	2,4	8,7	25,4	32,6	12,3	8,2	5,9	1,6
Centro-Oeste	2,8	11,6	28,6	29,3	9,2	6,7	7,2	2,2

Quadro 1.

<sup>1</sup> As porcentagens apresentadas não somam 100% pois a coluna "sem declaração" não foi utilizada na análise. A tabela completa pode ser acessada na página do IBGE: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores\_Sociais/Sintese\_de\_Indicadores\_Sociais\_2012/pdf/padroao\_vida\_pdf.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2013.

<sup>2</sup> SM: salários mínimos.

Do ponto de vista dos rendimentos médios mensais familiares, as regiões do país apresentam entre si grande diversidade de situações e que em todas as regiões também há, internamente, uma diversidade muito grande em termos de rendimentos.

Vale ressaltar que a tabela apresentada aqui não é plenamente satisfatória para análise e compreensão da realidade social em sua totalidade, principalmente no que se refere à disparidade de rendimento entre as regiões. Você pode, diante disso, complementar a leitura crítica dos dados, buscando aprofundar o conteúdo com outras fontes e outros recursos didáticos.

Veja agora a taxa de analfabetismo expressa na tabela abaixo:

2. Educação – Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade por sexo (%)

Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade por sexo (%) De 1999 a 2011						
Brasil e Grandes Regiões	Total		Homens		Mulheres	
	1999	2011	1999	2011	1999	2011
Brasil	13,3 <sup>1</sup>	8,6	13,3 <sup>1</sup>	8,8	13,3 <sup>1</sup>	8,4
Norte	11,6 <sup>2</sup>	10,2	11,7 <sup>2</sup>	10,8	11,5 <sup>2</sup>	9,6
Nordeste	26,6	16,9	28,7	18,5	24,6	15,4
Sudeste	7,8	4,8	6,8	4,4	8,7	5,1
Sul	7,8	4,9	7,1	4,5	8,4	5,3
Centro-Oeste	10,8	6,3	10,5	6,4	11	6,3

Quadro 2.

<sup>1</sup> Exclui-se a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

<sup>2</sup> Exclui-se a população rural.

Fonte de dados: *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1999* [CD-ROM]. Microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2000 e *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009/2011*. IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento.

Pode-se concluir, portanto, que as taxas de analfabetismo, por sexo, variam mais entre as regiões do que em uma mesma região. À exceção do Nordeste, cuja variação de analfabetos entre os sexos ficou em torno de 4,1% em 1999, diminuindo para 3,1% em 2011. Nas demais regiões essa variação não chega a 2%, mesmo após os períodos citados.

Os números representam um bom progresso do país na busca pela erradicação do analfabetismo, mas ainda percebemos claramente as desigualdades vigentes entre as regiões, como o fato de que quase um em cada cinco homens no Nordeste é analfabeto.

Veja agora a taxa de saneamento básico e luz elétrica e expressa na tabela abaixo:

### 3. Saneamento e luz elétrica – Domicílios por condição de saneamento e luz elétrica (%)

Domicílios por condição de saneamento e luz elétrica (%) – De 1999 a 2011								
Brasil e Grandes Regiões	Água canalizada e rede geral de distribuição		Esgoto e fossa séptica		Lixo coletado		Luz elétrica	
	1999	2011	1999	2011	1999	2011	1999	2011
Brasil	76,1 <sup>1</sup>	84,6	52,8 <sup>1</sup>	54,9	79,9 <sup>1</sup>	88,8	94,8 <sup>1</sup>	99,3
Norte	61,1 <sup>2</sup>	55,9	14,8 <sup>2</sup>	13	81,4 <sup>2</sup>	75,8	97,8 <sup>2</sup>	96,2
Nordeste	58,7	79,9	22,6	35,1	59,7	77,3	85,8	98,8
Sudeste	87,5	91,1	79,6	82,4	90,1	95,9	98,6	99,9
Sul	79,5	86,8	44,6	35,7	83,3	92,5	98	99,8
Centro-Oeste	70,4	86	34,7	43,1	82,1	91,8	95	99,7

Quadro 3.

<sup>1</sup> Exclui a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

<sup>2</sup> Exclui a população rural.

Fonte de dados: *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1999* [CD-ROM]. Microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2000 e *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009/2011*. IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento.

Para saneamento e luz elétrica, pode-se dizer que o principal problema do Brasil em termos de saneamento é o *esgotamento básico*, pois em 1999 apenas 52,8% dos domicílios tinham esgoto e fossa séptica. Em 2011 esse número subiu apenas 2,1% (54,9% em 2011). Como se pode ver, esse é o item com as piores porcentagens em todas as regiões do país, chegando até a cair de um período para o outro, como no caso da região Norte (de 14,8% em 1999, para 13% em 2011). Além disso, há uma disparidade muito grande entre as diferentes regiões, situação ocultada pela média brasileira.

A região com as mais altas taxas de cobertura de esgotamento é a Sudeste, com 79,6% em 1999 e 82,4% em 2011. A região com dados mais próximos aos da Sudeste é a Sul, mesmo que ainda de longe, com 44,6% em 1999, porém, apresentando uma baixa em fornecimento desse serviço para 2011 (35,7%).

Na pior posição encontra-se a região Norte, como já citado, com apenas 14,8% dos domicílios com rede de esgoto em 1999 e 13% em 2011. No item “lixo coletado”, percebemos um avanço da região Nordeste, passando de 59,7% em um período para 77,3% no outro, chegando assim a superar a região Norte, cuja porcentagem foi de 75,8% em 2011.

A diferença na porcentagem de coleta de lixo entre a região Sudeste para a região Norte, no último período considerado, é de mais de 20%, o que mostra a diferença entre as regiões. A luz elétrica é o item com melhores porcentagens em todas as regiões, superando 95% dos domicílios atendidos. Destaca-se o salto da região Nordeste, que obteve um progresso de 13% nesse serviço básico. Vale a pena destacar, mais uma vez, que há uma diferença significativa entre as regiões do país. A região Nordeste, que antes apresentava as piores porcentagens para quase todos os três itens analisados, em 2011 conquistou melhorias em todos os serviços, ao passo que a região Norte apresentou piora em todos os aspectos analisados.

A seguir reproduzimos duas análises jornalísticas que exemplificam como as pesquisas estatísticas contribuem para a compreensão da realidade, atuando como instrumento no processo de reflexão a respeito da diversidade brasileira. A primeira foca a variação do rendimento médio mensal do trabalho no período de 2009 a 2011 (Texto 1). E a segunda, as taxas de analfabetismo (Texto 2).

### **Texto 1 - Salário de pobre sobe mais que o de rico, mas diferença ainda é de 87 vezes <sup>1</sup>**

Entre 2009 e 2011, o rendimento médio mensal do trabalho subiu em todos os níveis sociais do Brasil, e os pobres tiveram ganhos maiores. Os salários deles subiram 6,5 vezes mais que os dos ricos. Mesmo assim, a desigualdade continua grande: o salário médio dos ricos é 87 vezes maior que o dos pobres. O ganho médio dos 10% mais pobres era de R\$ 144, em setembro de 2009, e subiu para R\$ 186 em setembro de 2011, uma alta de 29%. A renda do 1% dos brasileiros mais ricos era de R\$ 15.437 em 2009 e passou a R\$ 16.121 em 2011 (elevação de 4,4%). A inflação entre setembro de 2009 e setembro de 2011 foi de 12,36%, pelo IPCA. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada [...] pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Apesar de os mais pobres terem tido um aumento maior que o dos ricos (29% contra 4,4%), a diferença de R\$ 186 para R\$ 16.121 é de 87 vezes. Em 2009, essa desigualdade era pior: 107 vezes (R\$ 144 em relação a R\$ 15.437). Segundo o IBGE, todas as regiões apresentaram aumento do rendimento médio mensal real de trabalho entre 2009 e 2011, mas nenhuma teve pelo menos a mesma variação da inflação (12,36%). A maior alta no salário ocorreu na região Nordeste, com 10,7%, seguida pelo Centro-Oeste, com 10,6%. A variação mais baixa foi no Sul (4%). No Sudeste, o salário subiu 7,9%; no Norte, foi 7,7%.

O texto informa que o rendimento médio mensal subiu em todos os estratos, mas enquanto o rendimento dos 10% mais pobres subiu 29%, o rendimento do 1% dos mais ricos subiu apenas 4,4%. Contudo, se a inflação subiu 12,36% e os rendimentos dos mais pobres, 29%, o rendimento deles subiu acima da inflação, o que significa que eles tiveram um ganho real. Já o 1% mais rico teve um aumento de apenas 4,4% nos rendimentos, ou seja, não houve aumento real, já que os 4,4% ficaram abaixo da inflação que subiu 12,36%.

Isso significa que a desigualdade diminuiu totalmente? Não, pois a diferença de renda entre os mais ricos e os mais pobres ainda é de impressionantes 87 vezes. Em 2009 essa situação era pior, contabilizando 107 vezes. Pode-se concluir, portanto, a partir desses dados, que o Brasil ainda é um país marcado por uma grave desigualdade.

### **Texto 2 - Pnad: Taxa de analfabetismo cai no país, mas atinge 9,1% da população com mais de 18 anos <sup>2</sup>**

A pesquisa Pnad 2011 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) aponta para a queda de 1% na taxa de analfabetismo das pessoas com dez anos ou mais de idade em relação ao índice de 2009. O número agora é de 7,9% dessa população. Em 2004, os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) indicavam que 10,5% da população com mais de dez anos de idade era analfabeta. Os números [...] demonstram que entre os jovens de 10 a 14 anos, 1,9% é analfabeto. Com 15 anos ou mais, a taxa de analfabetismo é de 8,6% – o que representa 12,9 milhões de brasileiros. O Nordeste é a região com os piores resultados em todas as faixas etárias. Ali, 15,3% da população com mais de 10 anos não sabe ler nem escrever. Se considerados apenas aqueles com mais de 25 anos, o índice chega a 21,3%. Na região Norte, o analfabetismo entre os maiores de 10 anos é de 9,2%. Na região Sudeste, a

---

<sup>1</sup> *Salário de pobre sobe mais que o de rico, mas diferença ainda é de 87 vezes.* UOL, São Paulo, 29 out. 2012. Folhapress. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/09/21/salario-de-pobresobe-mais-que-o-de-rico-mas-diferenca-ainda-e-de-87-vezes.jhtm>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

<sup>2</sup> *Pnad: Taxa de analfabetismo cai no país, mas atinge 9,1% da população com mais de 18 anos.* UOL, São Paulo, 29 out. 2012. Folhapress. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/09/21/taxa-de-analfabetismo-cai-nopais-mas-ainda-atinge-91-da-populacao-com-mais-de-18-anos.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

taxa de analfabetismo é de 4,4% entre a população com mais de dez anos de idade. Quando considerados, os jovens entre 15 e 17 anos, o índice chega a 0,8%.

Mais uma vez, a média nacional encobre a diversidade, tanto entre regiões como entre pessoas de diferentes idades. Enquanto a média nacional de analfabetos entre as pessoas com 10 anos ou mais era, em 2011, de 7,9%, no Nordeste, a proporção sobe para 15,3% da população.

A análise também mostra que a taxa de analfabetismo é maior entre as pessoas mais velhas. Se entre os jovens de 10 a 14 anos ela é de 1,9%, entre as pessoas com 15 anos ou mais sobe para 8,6%.

A taxa também varia entre regiões: no Nordeste, 15,3% da população com mais de 10 anos era analfabeta em 2011, ao passo que na região Norte era de 9,2%. Os dois casos estão acima da média nacional de 7,9%.

### **A formação da diversidade brasileira**

Procuraremos aqui refletir sobre a formação da diversidade social no Brasil a partir da figura do estrangeiro tal como analisada por Georg Simmel e discutir: *quem é o estrangeiro do ponto de vista sociológico*, como o estrangeiro também pode ser visto como o estranho e qual é a diferença entre o olhar do estrangeiro para a realidade e o olhar dos que ali se encontram há mais tempo. Após, abordaremos os conceitos de migração, imigração e emigração, importantes para refletir sobre a diversidade, e estabelecer uma reflexão sobre por que as pessoas saem de um lugar para morar em outro. Veja os significados de migração, imigração e emigração, conforme definições do *Dicionário Aurélio*.<sup>3</sup>

**Emigrante:** Que ou quem emigra; emigrado. **Emigrar:** Deixar um país para estabelecer-se em outro. Sair (da pátria) para residir em outro país.

**Imigrante:** Que ou pessoa que imigra. **Imigrar:** Entrar (num país estranho) para nele viver.

**Migrante:** Que ou quem migra. **Migrar:** Mudar periodicamente ou passar de uma região para outra, de um país para outro.

### **O estrangeiro**

Muitos são os autores que tratam o tema da migração, imigração e emigração. Desenvolveremos a reflexão a partir da análise que o sociólogo Georg Simmel faz do estrangeiro, com o objetivo de pensar como a mobilidade espacial de pessoas provoca mudanças nas sociedades e nas relações sociais. Quem é Georg Simmel (1858-1918)?

Ele nasceu na Alemanha, filho de judeus convertidos ao protestantismo – religião em que Georg Simmel foi batizado. O fato de vir de uma família com origem judaica, mesmo que convertida, era motivo de preconceito. Em virtude de tal preconceito e do fato de ser um crítico dos valores dominantes em sua época, só conseguiu o cargo de professor contratado em tempo integral em 1914, apenas quatro anos antes de morrer de câncer, em 1918. Antes disso, permaneceu durante muitos anos como professor não contratado. Só recebia se os alunos se inscrevessem nos seus cursos. Ainda assim, suas aulas estavam sempre repletas, pois era visto como um bom professor e homem brilhante. Era assim que ele conseguia algum ganho, apesar de seu sustento vir muito mais de uma herança que recebera pelo falecimento do seu tutor (MORAES FILHO, 1983).

Simmel não procurou criar uma grande teoria. Na verdade, era a favor de escrever ensaios (pequenos textos instigantes sobre um tema) e por isso trabalhou os mais diferentes

---

<sup>3</sup> *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5. ed. Versão eletrônica. Curitiba: Positivo, 2010.

temas, como: a ponte e a porta, o adorno, o jarro, a coqueteria, a filosofia de uma forma geral (do dinheiro e do amor, por exemplo), entre muitos outros. O mais importante é enfatizar que, de certa maneira, por ser ex-judeu, Simmel sentia-se um estrangeiro, pois era tratado como tal. Compreende-se, assim, a importância do estrangeiro não apenas em sua obra, como também em sua vida.

Destacamos, ainda, que, Simmel **distinguiu o viajante do estrangeiro**. O estrangeiro, para Simmel, é aquele que chega e não vai embora. Logo, não é um mero viajante. É a figura que se muda de um lugar para outro, para ali residir, e não o turista. Como estrangeiro, sua posição em relação ao grupo é marcada pelo fato de não pertencer ao grupo desde o início do mesmo ou desde que nasceu.

Simmel não aborda esse aspecto, mas é válido destacar que, em alguns casos, você pode até ter nascido no lugar e mesmo assim sentir-se e ser considerado pelos outros como um estrangeiro. Isso pode ocorrer por conta de seu biotipo, de hábitos e costumes que o diferem dos demais. A mudança também não precisa ser necessariamente de país. Pode ser de Estado, cidade ou bairro. É por isso, por exemplo, que muitos jovens loiros no Brasil recebem o apelido de “alemão” mesmo que, muitas vezes, não tenham nenhuma ascendência alemã. Há ainda outros que são chamados de “japoneses” por terem traços que lembram os orientais, embora tenham nascido aqui e não tenham antepassados japoneses.

Destaca-se ainda a *ambiguidade* do estrangeiro em relação ao grupo. Ele é um elemento do grupo, mesmo que não se veja como um, ou que não seja visto como parte dele pelos demais membros. Ou seja, é um elemento do conjunto, assim como são os indigentes ou os mendigos e toda espécie de “inimigos internos” (MORAES FILHO, 1983, p. 183).

Com isso, Simmel quis dizer que mesmo aqueles que não são queridos por um grupo, ou não são tratados como iguais, também fazem parte dele. O estrangeiro tem com o grupo, ao mesmo tempo, uma *relação de proximidade e envolvimento* e de *distância e indiferença*. Ele vive cotidianamente com aquelas pessoas; logo, está relativamente próximo e envolvido com elas.

Contudo, como, com frequência, é tratado tal qual um “de fora”, e se sente à parte do grupo, pode, muitas vezes, desenvolver um sentimento de distância e indiferença (MORAES FILHO, 1983, p. 184-186). O estrangeiro é, portanto, o estranho portador de sinais de diferença, como a língua, os costumes, a alimentação, os modos e as maneiras de se vestir.

Ele não partilha tantos hábitos, costumes e ideias com o grupo; em face disso, tampouco partilha certos preconceitos e não se sente forçado a agir como um de seus membros. Os laços que o unem são muitas vezes mais frouxos do que aqueles que unem os outros membros que ali estão desde o seu nascimento (MORAES FILHO, 1983, p. 184-185).

### **Tensões na formação da diversidade**

Aqui vamos refletir sobre as tensões que podem ser geradas entre os novos e os velhos habitantes de uma localidade na composição da diversidade. Mas não pretendemos fazer uma análise histórica da questão no Brasil, pois essa já é trabalhada pelo professor de História.

A ideia é promover uma reflexão a respeito de alguns conceitos importantes para aprofundar o tema da diversidade, como aculturação e assimilação. Tais noções são fundamentais na análise das tensões decorrentes da formação da diversidade, pois a inserção de novos atores na realidade social nem sempre se dá de forma tranquila.

Todos os grupos que aqui vieram sofreram preconceito, mas nenhum grupo sofreu tanto quanto o dos negros. Para compreender os conceitos de aculturação e assimilação, enfatizamos

que alguns temas relacionados à adaptação daqueles que migraram, como a religião, a língua, a alimentação, os costumes e outros mais estão diretamente relacionados com a formação da diversidade. Vamos explorar aqui as tensões que podem se desenvolver a partir disso.

### Os conceitos de aculturação e assimilação

O termo “aculturação” foi criado em 1880 por um antropólogo chamado J. W. Powell para designar as transformações dos modos de vida e pensamento dos imigrantes em contato com a sociedade estadunidense (CUCHE, 2002, p. 114).

A aculturação não significa “deculturação” simplesmente. Pois o “a” no início da palavra não pressupõe “falta de” ou “privação”, como ocorre com outras palavras. Por exemplo: amorfo, sem forma, ou amoral, que significa alguém que não tem moral. Não é esse o caso da palavra aculturação. O “a” no início da palavra vem etimologicamente do latim *ad*, que indica um movimento de aproximação. Com o passar do tempo, a palavra se transformou em conceito para explicar o contato entre diferentes povos. E a partir de então o termo ganha outra significação:

A aculturação<sup>4</sup> é o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos (*patterns*) culturais iniciais de um ou dos dois grupos.

A aculturação, portanto:

- Não é necessariamente sinônimo de mudança cultural;
- Não é apenas difusão de traços culturais;
- Não pode ser confundida com assimilação.

A ideia de aculturação *não é necessariamente sinônimo de mudança cultural*. Salientamos que *toda cultura muda*. Não há cultura que permaneça estática, que não se transforme, pois a cultura é um eterno processo. A mudança cultural é parte de toda cultura. Entretanto, algumas mudam mais rápido, outras mais devagar. Veja, por exemplo, os muitos grupos indígenas que, segundo o senso comum, dão a impressão de não mudar. Mas isso ocorre, nós é que não os conhecemos direito. As culturas mudam *não só devido a causas externas*, isto é, elas não mudam apenas pelo *contato* com outras culturas, mas também devido a *fatores internos* à própria cultura.

E se a aculturação vem do contato com outros povos, confundi-la com mudança cultural é deixar de lado uma parte da mudança cultural que é a *transformação por fatores internos* à própria cultura. Portanto, a aculturação *não é somente a difusão de traços culturais*. Pois ela é um processo maior e mais complexo do que tal difusão, que pode ocorrer sem que povos entrem em contato direto entre si (por exemplo, por meio de livros, revistas, filmes etc.).

A aculturação pressupõe justamente o *contato direto* de pessoas de diferentes grupos. A *aculturação não pode ser confundida com assimilação*. Povos aculturados não são necessariamente assimilados, pois nem todo processo de aculturação resulta na assimilação total de um grupo por outro:

[...] não se pode confundir aculturação e “assimilação”. A assimilação<sup>5</sup> deve ser compreendida como a última fase da aculturação, fase aliás raramente atingida. Ela implica o desaparecimento total da cultura de origem de um grupo e na interiorização completa da cultura do grupo dominante.

---

<sup>4</sup> CUCHE, Dennys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002. p. 115.

<sup>5</sup> Idem, p. 116.

De fato, a assimilação seria a *última etapa* de todo o processo de aculturação devido ao contato de dois grupos, pois implica o *fim da cultura* de um dos grupos, uma vez que a cultura do segundo grupo é totalmente assimilada pelo primeiro. Ora, a assimilação total de um grupo por outro é algo muito difícil de ocorrer. E, assim, a aculturação, na grande maioria das vezes, não provoca o fim de uma das culturas.

Na verdade, em geral, ambos os grupos se modificam. É verdade que as modificações costumam ser maiores em um grupo do que no outro. Os novos costumes, ou características, são sempre internalizados de acordo com a sua lógica interna. Apesar das modificações, a lógica interna permanece com frequência. Com isso, mantém-se a forma de raciocinar do grupo.

Compreende-se, portanto, as razões que levam um grupo de jovens a usar calça jeans: por conta dos processos de aculturação e assimilação.

Observe que o uso de roupas ocidentais por grande parte da humanidade não faz que os grupos deixem de pensar como sempre pensaram. A incorporação do *jeans* e da camiseta como quase um uniforme por todos os jovens não os leva a pensar da mesma forma ou a deixar de apresentar seus valores de acordo com a cultura em que estão inseridos. Isso, porém, não significa que não sejam influenciados pelos valores de outra cultura.

É verdade também que, às vezes, as mudanças são tão intensas que um dos grupos pode realmente acabar. De qualquer forma, é sempre bom destacar que praticamente não há cultura que não se modifique pelo contato com outra. O que significa que o processo de aculturação quase sempre se dá dos *dois lados*. É por isso também que há autores que criticam a ideia de aculturação porque ela parece não dar conta de que o processo é recíproco, mesmo que raras vezes seja simétrico. Normalmente *é um processo assimétrico*. Uma cultura quase sempre se transforma mais do que a outra, visto que elas não estão em pé de igualdade.

A Era Vargas pode ser um exemplo. Os estrangeiros aqui residentes foram proibidos de falar suas línguas de origem, seus jornais foram fechados e muitos locais tiveram que mudar seus nomes. *Durante esse período, os estrangeiros que aqui viviam foram forçados a passar por um processo de assimilação da cultura brasileira. Por quê?* É o caso de mostrar que isso ocorreu mais intensamente com os alemães e japoneses, pois o Brasil estava em guerra com esses países.

O contrário também ocorreu no processo de colonização pela qual passou o Brasil. Os índios foram domesticados a falar a língua portuguesa, a adotar a religião europeia e o modo de vida europeu. Os indígenas sofreram um processo de assimilação da cultura europeia de forma que o Brasil, embora, preserve ou se reinvente culturalmente, possui uma língua europeia, uma religião hegemônica europeia e uma mentalidade europeia, pois a maioria dos autores estudados nas escolas é oriunda da Europa.